Capítulo XXII — Genealogia dos hipercríticos

> **Sumário.** O Renascimento. — O Jansenismo. — O Galicanismo. — O Racionalismo. — Movimento de reação.

No meio de um rico cortejo de tradições, tão veneráveis e tão comoventes que a sua própria história é poesia, a Igreja católica, semelhante a uma rainha cercada de sua corte, avançava tranquilamente através das idades quando, depois de longos séculos de pacífica posse, homens se levantaram para disputar-lhe as glórias.

Literária, artística, tradicional, até histórica, a herança do passado ou foi repudiada por inteiro, ou aceita sob o benefício do mais parcial inventário. O caráter particular de um milagre, o silêncio de um historiador, um erro de data, a alteração de um texto, faltas de copistas, algumas variantes nos manuscritos, a ausência de classicismo na linguagem e sobretudo a sombra de uma intervenção sobrenatural foram outras tantas razões de recusa.

As narrativas até então mais autorizadas foram tratadas de lendas, e os que as escreveram, de pedantes e de burocratas. O que obtivera a fé dos contemporâneos mais respeitáveis tornou-se produto de cérebros doentes, transmitido à posteridade por espíritos enganados ou enganadores.

Sobreveio o protestantismo, filho dos hipercríticos do Renascimento: *Ego peperi ovum, Lutherus exclusit*. Desprezador da tradição universal, e com mais forte razão das tradições locais, pretendeu circunscrever a discussão ao terreno da Bíblia. Fizeram-se-lhe imprudentes concessões. Sob pretexto de salvar o coração da praça, abandonaram-se as obras avançadas. Produziu-se então, na ordem intelectual, algo de análogo às devastações sucessivas sobre as árvores e as plantas descritas por um profeta.[1]

Ao protestantismo sucedeu o jansenismo, que devorou o resíduo do protestantismo. Ao jansenismo sucedeu o voltairianismo, que devorou o resíduo do jansenismo. Ao voltairianismo sucedeu o racionalismo, que devora hoje o resíduo do voltairianismo: inseto de dente de aço que não deixa intacto nenhum fato da história religiosa.

Mas, tão audaciosos quanto são, os racionalistas modernos são insensatos. Pretender que o Evangelho é uma invenção humana, quando a divindade desse livro, diante do qual empalidecem todos os livros dos homens, se impõe por si mesma à fé dos maiores gênios do Oriente e do Ocidente, quando rios de sangue generoso correram e correm ainda para sustentar as verdades

que ele ensina; pretender que o Evangelho é uma fábula, quando se encontra nesse livro mais de cem nomes próprios, nomes de personagens, vários dos quais são célebres na história profana tanto quanto na história sagrada: não é o cúmulo da aberração e o justo castigo do orgulho?

Graças às nossas biografias, ver-se-á que esses nomes, e os fatos que a eles se ligam, soldam tão fortemente a história sagrada à história profana que é preciso admitir tudo ou negar tudo. Mas negar tudo não é apenas aniquilar a história, é conduzir-nos ao pirronismo universal e, por conseguinte, à morte da inteligência. Ai! que multidão de almas já estão sepultadas nesse túmulo cavado pelo racionalismo!

Assim, combater por todos os meios o racionalismo homicida não é somente um dever religioso, é um dever social. Todo livre-pensador é um livre-fazedor. Todo livre-fazedor é inimigo nato de tudo o que o impede de fazer o que quer.

Daí o seu ódio extremado a todo direito e a toda autoridade.

Todavia, denegrir não é raciocinar; negar não é provar. Tratar a nossa história e as nossas tradições como fazem os racionalistas não é sã crítica, mas crítica malsã e falsa ciência. Nessa febre contínua de negação, é preciso ver a influência do pai da mentira e uma doença do espírito humano.

Com efeito, essa pretensa crítica repousa no esquecimento de cinco coisas essenciais:

Esquece: 1º que nossos avós tinham, pelo menos, tanto bom senso quanto nós e tanto temor da mentira; nada prova o contrário.

Esquece: 2º que, estando mais próximos dos acontecimentos, estavam melhor que nós em condições de julgá-los;

Esquece: 3º que, antes do Renascimento e da invenção da imprensa, a tradição não estava entregue ao desperdício dos primeiros que chegassem; que não havia nem jornais para falsificá-la, nem fazedores de livros a tanto a linha para pô-la em ridículo; mas que ela se conservava à sombra do santuário, na calma dos mosteiros, no pacífico lar das famílias patriarcais. Isso quer dizer que o patrimônio de todos estava confiado à guarda da classe mais douta e mais virtuosa da sociedade.

Esquece: 4º que os milagres são as cartas credenciais do apostolado; que na vida dos santos, sobretudo das primeiras idades, o sobrenatural se torna o natural; e que o lugar do homem, bastante impertinente para recusar a Deus o poder de fazer milagres, não é nem na Academia, nem no Instituto, mas em Charenton.

Esquece: 5º que os antigos possuíam pormenores ignorados hoje e monumentos que já não temos. É notório que grande número de documentos pereceu nas invasões dos bárbaros, nas guerras locais, nas guerras de povo a povo, sobretudo nas guerras de religião, que saquearam tantas bibliotecas, tantos mosteiros e até tantas cidades na França, na Suíça, na Inglaterra e em todo o norte da Europa.

Pode-se julgar quais eram esses tesouros de erudição e de história, de que alguns restos, providencialmente reencontrados, bastam hoje à ciência católica para refazer toda uma biografia desconhecida ou mal conhecida; assegurar a autenticidade de um fato resolutamente negado e dar plena razão a tradições desdenhosamente rejeitadas pela nova escola.

Citemos somente como exemplo os *Monuments inédits de l'apostolat de saint Lazare*, do sr. Faillon; a *Fondation apostolique de l'église de Limoges*, do sr. Arbellot; o *Apostolat de saint Bénigne à Dijon*; de são Frontão em Périgueux; de são Trófimo em Arles; a *Défense de l'Église*, do padre Gorini, obra em que são demonstrados os erros dos srs. Thierry, Guizot, Ampère e outros, tidos como os príncipes da ciência histórica em nossa época.

Um feliz movimento de reação contra a falsa crítica manifestou-se, pois. Na França sobretudo, homens de coração e de saber reabriram o glorioso túmulo de nossa antiguidade cristã. Revisaram muitos processos, dos quais apelaram para a opinião mais bem informada. Seu trabalho não foi vão. Muitas bocas que falavam mal foram tapadas: *«pois se fechou a boca aos que fallão cousas iniquas»* (Sl 62, 12). Muitas ilustres memórias foram reabilitadas.

Honra a esses grandes operários! Possam levar a termo a sua corajosa empresa! Vingar a Igreja no terreno da história e da tradição, como outros a vingaram no da geologia e das ciências naturais: eis o alvo que perseguem; não há mais nobre.

> *Eu quisera, diz o sr. cavaleiro de Rossi, o célebre revelador atual das catacumbas romanas, que as origens de cada igreja, os primeiros vestígios da fé cristã em cada cidade, em cada burgo, as provas do desabrochar da fé em cada província ou região do mundo antigo fossem desveladas diante de nós... Então teremos um orbis christianus monumental, que será ao mesmo tempo uma imensa consolação para os fiéis, um argumento invencível contra a incredulidade e um magnífico triunfo para o sábio.*[2]

Praza a Deus que o nosso trabalho biográfico, por humilde que seja, contribua de algum modo para a construção do grande edifício! É verdade: narrar e não discutir, eis o nosso fim. Todavia, nossas biografias estão longe de carecer de provas. Baseiam-se, ao contrário, em fatos bem conhecidos ou em tradições autorizadas. Damos esse nome às que repousam nas antigas liturgias, no testemunho dos grandes hagiógrafos do Ocidente e do Oriente, nos monumentos da Idade Média ou nas obras que os resumem. Desse número é, para as Gálias em particular, o consciencioso martirológio de Du Saussay.

Se é um defeito, devemos confessá-lo: em geral, o que é moderno tem para nós pouco atrativo; a verdade é que é antiga, e o erro é moderno. Tudo o que é novo em teologia é herético; tudo o que é novo em filosofia é absurdo; tudo o que é novo em política é revolucionário; tudo o que é novo em história é romance.

Mas amamos o que é velho; e temos particular fraqueza pelos livros velhos. Bom ou mau, nosso gosto está expresso de maneira tão ingênua na seguinte carta de um autor antigo que cedemos ao prazer de citá-la quase por inteiro.

> *Por natureza sou inimigo da opinião nova e grande amigo de livros velhos, que trouxe e procurei com diligência em diversas regiões. Tocar neles é arrancar-me os olhos. Pois, se Jó disse, capítulo XII, versículo 12: In antiquis est sapientia, a sabedoria se encontra entre os antigos, tenho também por opinião que o saber se encontra mais nos livros velhos que nos homens encanecidos.*

> *O bom rei Afonso, que tomou Nápoles, dizia que era grande alívio para o homem velho ter cavalo velho para cavalgar, lenha velha para queimar, vinho velho para beber, amigos velhos para conversar e livro velho para ler.*

> *Os livros velhos têm várias vantagens sobre os novos: contêm verdade, têm gravidade e mostram autoridade.*[3]

Por serem nossas biografias tiradas de monumentos antigos, terão, na maior parte, todo o interesse da novidade. A esse título serão, esperamos, uma leitura tão agradável quanto instrutiva e, acrescentamos, mais útil hoje que nunca. Dificilmente se faria ideia da ignorância em que vivemos relativamente às nossas antiguidades cristãs. Faltam o gosto, o tempo, a vontade de estudá-las.

Já o dissemos: com exceção de Nosso Senhor Jesus Cristo, da santa Virgem, dos apóstolos, de são João Batista e de alguns outros, o Evangelho contenta-se quase sempre em nomear as pessoas envolvidas nos fatos que relata; e o número delas é grande.

Muitas vezes nem pronuncia o seu nome. Aparecem e desaparecem sem que o texto sagrado diga o que foi feito delas. Entre outros exemplos, podem-se citar os Pastores de Belém, os Magos, o Cego de nascença, a Samaritana, a Cananeia, os Centuriões de Cafarnaum e do Calvário. O cristão refletido compreende esse silêncio divino e o adora.

Todavia, ao exprimir aqui o nosso pensamento, cremos traduzir o seu. Como a nossa, sua piedosa curiosidade acharia doce satisfação em possuir alguns pormenores históricos sobre os seres privilegiados que tiveram a insigne ventura de ter relações pessoais com o Filho de Deus conversando entre os homens. Que há de mais legítimo?

Se as menores circunstâncias dos grandes acontecimentos da história adquirem importância proporcional à própria grandeza dos acontecimentos, confessar-se-á sem custo que um interesse

bem diversamente poderoso se prende às simples ações do Verbo eterno revestido da natureza humana.

Se as pessoas cuja vida corre ao lado de um homem célebre, testemunhas íntimas de suas ações e confidentes de seus pensamentos, ou que, tendo tido com ele apenas relações transitórias, foram contudo honradas com a sua benevolência, tornam-se objeto de curiosidade zelosa, sem comparação mais nobre e mais bem justificado é o desejo de conhecer as pessoas bastante felizes para terem conversado com o próprio Deus, tê-lo ouvido com seus ouvidos, visto com seus olhos, tocado com suas mãos, comido com ele, e sobre quem a sua bondade derramou favores mais que régios.

Notas

[1] *Residuum erucæ comedit locusta, et residuum locustæ comedit bruchus, et residuum bruchi comedit rubigo.* — «O gafanhoto comeo o que tinha ficado da lagarta, e o brugo comeo o que tinha ficado do gafanhoto, e a ferrugem comeo o que tinha ficado do brugo» (Jl 1, 4).

[2] *Bulletin d'archéologie chrétienne*.

[3] Carta de Antônio de Guevara ao bispo de Badajoz. — Quanto à sentença de Jó: *In antiquis est sapientia, et in multo tempore prudentia.* — «A sabedoria acha-se nos velhos, e a prudencia na vida dilatada» (Jó 12, 12).

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:50 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin